

**UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
Curso de Psicologia

Isabella de Azevedo - T770816

Leticia Matheus Capucio -N577320

Monica Pereira C. Camargo - N628278

Poliana de São José Ribeiro - N645HF0

**SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A MATERNIDADE POR  
MULHERES QUE NÃO SÃO MÃES**

**São José do Rio Preto – Campus JK**

**2024**

Isabella de Azevedo - T7708I6

Leticia Matheus Capucio - N577320

Monica Pereira C. Camargo - N628278

Poliana de São José Ribeiro - N645HF0

## **SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A MATERNIDADE POR MULHERES QUE NÃO SÃO MÃES**

*Relatório de pesquisa* apresentado para  
Plano de Estudos Orientados – PEO, do  
Curso de Psicologia da Universidade  
Paulista-UNIP, sob a orientação do Profº.  
Me. Amilton José da Silva Júnior

**São José do Rio Preto – Campus JK**

**2024**

CIP - Catalogação na Publicação

SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A MATERNIDADE POR MULHERES  
QUE NÃO SÃO MÃES / Leticia Matheus Capucio...[et al.]. - 2024.  
38 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto  
de Ciência Humanas da Universidade Paulista, São José do Rio Preto,  
2024.

Área de Concentração: Psicologia Social.

Orientador: Prof. Me. Amilton José da Silva Júnior.

1. Maternidade. 2. Estereótipos. 3. Não mães. 4. Pressão social. I.  
Capucio, Leticia Matheus. II. Júnior, Amilton José da Silva (orientador).

Isabella de Azevedo - T770816  
Leticia Matheus Capucio - N577320  
Monica Pereira C. Camargo - N628278  
Poliana de São José Ribeiro - N645HF0

## **SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A MATERNIDADE POR MULHERES QUE NÃO SÃO MÃES**

*Relatório de pesquisa* apresentado para  
Plano de Estudos Orientados – PEO, do  
Curso de Psicologia da Universidade  
Paulista-UNIP, sob a orientação do Prof.  
Me. Amilton José da Silva Júnior

O trabalho foi considerado aprovado com a nota 9,5.

São José do Rio Preto, 26 de novembro de 2024.

---

Prof.(a) Me.(a) Claudia Thomé Beletti, Universidade Paulista-UNIP

---

Prof.(a) Dr.(a) Ingrid Bergamo, Universidade Paulista-UNIP

---

Prof. Me. Amilton José da Silva Júnior – Universidade Paulista-UNIP  
Orientador

## **Agradecimentos**

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradecemos ao nosso orientador, Prof. Me. Amilton José da Silva Júnior, pela orientação, paciência e apoio durante todo o processo de pesquisa. Sua expertise e dedicação foram fundamentais para o nosso aprendizado.

Agradecemos também aos nossos colegas de grupo, Isabella de Azevedo, Leticia Matheus Capucio, Monica Pereira C. Camargo e Poliana de São José Ribeiro, pelo espírito de colaboração, empenho e comprometimento que tornaram este trabalho possível. Cada um de vocês trouxe uma perspectiva única e valiosa, enriquecendo nossa discussão e análise.

Um agradecimento especial vai para as participantes de nossa pesquisa, que generosamente compartilharam suas experiências e contribuíram para a coleta de dados. Sem a colaboração delas, este estudo não teria sido viável.

Por fim, agradecemos às nossas famílias e amigos pelo apoio emocional e motivacional, que nos incentivaram a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Este trabalho é o resultado de um esforço conjunto e, por isso, dedicamos a todos que nos apoiaram ao longo dessa jornada.

Às nossas famílias, que sempre nos apoiaram em nossas escolhas e nos incentivaram a perseguir nossos sonhos. Aos nossos amigos, que estiveram ao nosso lado durante essa jornada, oferecendo palavras de encorajamento e compreensão nos momentos difíceis. E, especialmente, a todos os profissionais da psicologia que, com seu trabalho e dedicação, nos inspiraram a seguir essa linda carreira.

*"Não ser mãe é também um ato de coragem,  
um reconhecimento de que a vida pode ser  
plena em outras formas e significados."  
(Vera Iaconelli)*

## RESUMO

### **Significados Atribuídos a maternidade por mulheres que não são mães.**

CAPUCIO, L. M; AZEVEDO, I; CAMARGO, M. P. C; RIBEIRO, P. S. J.; SILVA, A. J. (orientador). Curso de Psicologia, Projeto de Pesquisa. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Paulista – UNIP, Campus São José do Rio Preto, 2023.

O presente trabalho buscou investigar os significados atribuídos à maternidade por mulheres que não são mães. Além disso, teve como objetivo identificar os fatores determinantes para que isso ocorra e os impactos na construção da identidade feminina. O estudo buscou compreender os impactos psicológicos e sociais vivenciados por mulheres que não são mães, bem como os desafios enfrentados para lidar com o estigma social associado a essa escolha e se as mulheres que não são mães possuem uma visão diferente sobre a maternidade em comparação com aquelas que são mães e considerar como isso impacta nos seus comportamentos e perspectivas de vida. A abordagem das entrevistadas incluiu pessoas do convívio social do entrevistador que não são mães, utilizando uma amostragem intencional. Os convites para participação nas entrevistas foram feitos on-line, por meio de redes sociais. Antes das entrevistas, foi enviado um termo de consentimento informado explicando os objetivos da pesquisa, os procedimentos, os riscos e benefícios envolvidos. A participação foi voluntária e os dados foram mantidos em sigilo. As entrevistas são semiestruturadas, com um roteiro de questões semiabertas para explorar os significados da maternidade e a experiência de não ser mãe. As entrevistas foram registradas em áudio e por anotações escritas, respeitando a privacidade e consentimento das participantes. As entrevistas realizadas revelaram uma diversidade de razões que motivaram as entrevistadas a não desejarem ter filhos, refletindo preocupações pessoais, sociais e psicológicas.

**Palavras-chave:** maternidade, estereótipos, não mães e pressão social



## **ABSTRACT**

### **Meanings Attributed to Motherhood by Women Who Are Not Mothers.**

CAPUCIO, L. M; AZEVEDO, I; CAMARGO, M. P. C; RIBEIRO, P. S. J.; SILVA, A. J. (advisor). Psychology Program, Research Project. Institute of Human Sciences. Paulista University – UNIP, São José do Rio Preto Campus, 2023.

The present study aimed to investigate the meanings attributed to motherhood by women who are not mothers. Additionally, it sought to identify the determining factors for this decision and the impacts on the construction of female identity. The study aimed to understand the psychological and social impacts experienced by women who are not mothers, as well as the challenges they face in dealing with the social stigma associated with this choice. It also examined whether women who are not mothers have a different perspective on motherhood compared to those who are mothers, and how this impacts their behavior and life perspectives.

The participants included individuals from the interviewer's social circle who are not mothers, using purposive sampling. Invitations to participate in the interviews were sent online through social media. Before the interviews, an informed consent form was provided, explaining the research objectives, procedures, and the associated risks and benefits. Participation was voluntary, and all data were kept confidential. The interviews were semi-structured, using a guide with open-ended questions to explore the meanings of motherhood and the experience of not being a mother. The interviews were recorded in audio and supplemented with written notes, respecting the privacy and consent of the participants. The interviews revealed a variety of reasons that led the participants to choose not to have children, reflecting personal, social, and psychological concerns.

**Keywords:** motherhood, stereotypes, childless women, social pressure

## Sumário

1.	INTRODUÇÃO .....	11
1.1.	Apresentação .....	11
1.2.	Tema/ levantamento bibliográfico .....	11
1.3.	Objetivos .....	12
1.4.	Hipóteses .....	13
1.5.	Justificativa .....	13
2.	METODO .....	14
2.1.	Participantes e locais .....	14
2.2.	Instrumentos .....	15
2.3.	Aparatos de pesquisa .....	15
2.4.	Procedimento para coleta de dados .....	15
2.5.	Procedimento para análise de dados .....	15
2.6.	Ressalvas éticas .....	16
2.7.	Cronologia .....	16
3.	Resultados .....	17
4.	Discussão .....	22
5.	Considerações Finais .....	24
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	25
7.	APÊNDICES .....	26
8.	ANEXOS .....	39

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1. Apresentação**

A maternidade é um tema frequente na sociedade, especialmente nas vidas das mulheres. No entanto, nem todas as mulheres se tornam mães, seja por escolha ou infertilidade, por exemplo. Ainda assim, as mulheres que não têm filhos enfrentam inúmeras pressões e estigmas sociais, especialmente em relação aos significados atribuídos à maternidade.

### **1.2. Tema/ levantamento bibliográfico**

A maternidade é um tema complexo, que engloba questões emocionais, culturais, sociais e políticas. Em sua obra "Amor Líquido", Bauman (2003, p. 99) destaca que a maternidade se tornou algo mais fluido, menos sólido e menos previsível: "A maternidade não é mais uma condição natural, é uma escolha - uma escolha arriscada e incerta".

A não maternidade é um tema cada vez mais presente nas discussões sociais, principalmente por se tratar de uma escolha que vai contra o tradicional formato familiar. Segundo Zanin e Trevisan (2020, p. 2), "atualmente, a decisão de não ser mãe é considerada legítima e o silêncio ou a invisibilidade sobre essa opção começa a ser quebrado". Ainda assim, muitas mulheres que optam por não ter filhos enfrentam preconceito e julgamento da sociedade.

De acordo com a perspectiva histórico-social, a maternidade é vista como uma construção social e cultural, sendo assim, não é uma escolha absoluta das mulheres, é uma construção do seu meio (BECCARI, 2016). Ainda seguindo essa linha de pensamento, Beauvoir (1949, p.15) destaca que a maternidade pode ser vista como uma construção social enganosa que aprisiona as mulheres: "a maternidade é instituída em todas as classes sociais de uma forma falsa e mitificada, apresentando a ideia de que a mulher realiza seu destino através da reprodução".

Embora a escolha da não maternidade seja uma questão subjetiva, ela tem influências tanto sociais quanto políticas. Afirmar o direito de não ter filhos, por exemplo, pode ir contra a pressão social em torno da maternidade e a normatização da família tradicional (HUNTINGTON, 2021).

As mulheres que optam por não ter filhos enfrentam diversos desafios, como a

falta de reconhecimento de sua escolha, julgamentos sociais e familiares, bem como dificuldades em seus relacionamentos amorosos e profissionais (DAMASCENO; TRAJANO; ELIAS, 2021). Por isso, é fundamental que se promova a inclusão social das mulheres que não são mães, para que elas possam exercer sua autonomia sobre seus corpos e suas vidas sem sofrerem nenhum tipo de preconceito ou discriminação.

A maternidade é um tema que tem sido profundamente investigado no campo da psicologia e da psicanálise, sendo considerada uma das experiências mais significativas da vida das mulheres. No entanto, também é importante considerar a perspectiva daquelas mulheres que, por diversos motivos, optam por não ter filhos ou que não têm essa oportunidade, seja por causas biológicas ou sociais. (ROCHA, 2019).

Nesse contexto, o papel do psicólogo na abordagem da psicanálise sobre não maternidade pode ser compreendido como uma busca pela compreensão da natureza dessas escolhas, bem como pela identificação e análise dos processos psíquicos envolvidos nessa questão. (ROCHA, 2019).

### **1.3. Objetivos**

#### Objetivo Geral

Analisar os significados atribuídos à maternidade por mulheres que não são mães e compreender os aspectos psicossociais envolvidos.

#### Objetivos específicos

Identificar quais são os principais significados atribuídos à maternidade por mulheres que não são mães. Observar os fatores determinantes para que essas mulheres não tenham filhos e os impactos dessas escolhas na construção da identidade feminina.

Compreender os impactos psicológicos e sociais vivenciados por mulheres que não são mães e os desafios encontrados para lidar com o estigma social associado a essa escolha.

Investigar como as mulheres que não são mães lidam com a pressão social e familiar para ter filhos e as estratégias utilizadas para lidar com esse conflito.

Observar as narrativas dessas mulheres sobre a maternidade e a sua relação com a construção de um projeto de vida individualizado e com a busca de realização pessoal e profissional.

Verificar se as mulheres que não são mães possuem uma visão diferente sobre a maternidade em comparação com aquelas que são mães e considerar como isso impacta nos seus comportamentos e perspectivas de vida.

#### **1.4. Hipóteses**

Espera-se que uma relevante porcentagem de mulheres atribua significados à maternidade considerando padrões influenciados socialmente e culturalmente e que o nível socioeconômico, cultural e escolar interfira na decisão de não ter filhos.

Desta forma, é esperado que esta pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão dos significados atribuídos à maternidade por mulheres que não são mães, ampliando o diálogo acerca do tema e contribuindo para o respeito à escolha pessoal e liberdade da mulher em relação à maternidade.

#### **1.5. Justificativa**

A escolha deste tema justifica-se pela relevância social e psicológica da maternidade na vida das mulheres, e como esse tema pode afetar diferentes aspectos da vida dessas mulheres que não são mães. Além disso, é importante destacar que as pressões sociais para a maternidade podem gerar um fardo emocional considerável, interferindo na autoestima e autopercepção das mulheres; baseando-se no código de ética do psicólogo, na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A inclusão da intenção ou não de ser mãe nas ações de planejamento familiar nos serviços públicos de assistência social é fundamental para garantir que as mulheres tenham acesso a informações e orientações adequadas que respeitem suas escolhas e desejos em relação à maternidade. Além disso, entender a intenção ou não de ser mãe como parte do planejamento familiar é uma forma de reconhecer que a tomada de decisão em relação à maternidade é um processo complexo e que envolve aspectos emocionais, sociais e culturais.

Diante disso, é importante que os profissionais que atuam nos serviços públicos de assistência social, como os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), estejam preparados para abordar a questão da intenção ou não de ser mãe de forma

sensível e respeitosa, criando um ambiente de acolhimento e apoio para as mulheres que buscam orientação sobre planejamento familiar. Além disso, entender a intenção ou não de ser mãe como parte do planejamento familiar é um tema que se relaciona com o tema comum "A Psicologia nas Políticas Públicas de Educação, Saúde e Assistência Social: os desafios e perspectivas para o exercício profissional". Isto porque o entendimento das questões emocionais, sociais e culturais que envolvem a tomada de decisão em relação à maternidade é fundamental para que os profissionais que atuam nas políticas públicas de assistência social possam oferecer apoio adequado e eficiente às mulheres que buscam orientação sobre planejamento familiar. É preciso considerar que a maternidade é uma questão que envolve não apenas o corpo biológico feminino, mas também a história pessoal e as relações sociais e familiares das mulheres. Portanto, é necessário que as políticas públicas de assistência social considerem esses aspectos em suas ações de planejamento familiar.

## **2. METODO**

### **2.1. Participantes e locais**

A população que participou nesta pesquisa foi de mulheres que não são mães. Os critérios de inclusão para esta pesquisa incluíram, mulheres com idade acima de 18 anos, escolha consciente de não ter filhos, mulheres que não tiveram a oportunidade de ter filhos devido a circunstâncias médicas ou infertilidade e mulheres que não têm filhos no momento, mas que podem estar abertas para a maternidade no futuro.

Como critérios de exclusão da pesquisa, mulheres que têm filhos adotivos, que estão tentando ativamente engravidar ou que estão em processo de tratamento para infertilidade e mulheres que tiveram filhos no passado, mas que não são mais responsáveis por sua criação.

Dado o caráter online desta pesquisa, os locais de entrevistas não foram pré-definidos. As entrevistas foram realizadas em horários convenientes para as participantes e de acordo com a disponibilidade delas. As entrevistas foram conduzidas através de plataformas de videochamada.

## **2.2. Instrumentos**

Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas elaboradas para este estudo com participantes do sexo feminino que não são mães, utilizando um roteiro com questões semiabertas para explorar os significados atribuídos à maternidade e ao fato de não ser mãe, bem como as vivências e experiências pessoais das entrevistadas.

## **2.3. Aparatos de pesquisa**

Gravador do celular, computador, aplicativo Google Meet, folhas para registro, documento para consentimento e caneta.

## **2.4. Procedimento para coleta de dados**

Foram realizadas as abordagens das entrevistadas do convívio social e conhecidas pelas autoras, que não são mães, de forma que a amostragem seja intencional. Os convites para a participação das entrevistas foram realizadas de forma on-line através de mensagens diretas em redes sociais.

Foram enviados previamente o termo de consentimento informado, explicando objetivos da pesquisa, os procedimentos, os riscos e benefícios, garantindo que a participação seja voluntária e que os dados serão mantidos em sigilo. Após isso as entrevistas foram conduzidas em dupla, ou individualmente para melhor entendimento e registro das informações das entrevistas semiestruturadas, utilizando um roteiro com questões semiabertas para explorar os significados atribuídos à maternidade e ao fato de não ser mãe, bem como as vivências e experiências pessoais das entrevistadas.

As entrevistas foram registradas por meio de gravação de áudio e anotações escritas, garantindo que os dados fossem registrados de forma precisa e respeitando a privacidade e consentimento das participantes.

## **2.5. Procedimento para análise de dados**

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos científicos, livros e outros materiais que abordam a temática da maternidade e da não-maternidade sob diferentes perspectivas, tais como: sociológica, psicológica, antropológica, feminista e cultural.

Após a revisão, foi realizado a transcrição das entrevistas gravadas para a codificação dos dados, buscando identificar temas, padrões e significados emergentes relacionados aos significados atribuídos à não maternidade, para após isso realizar a categorização temática dos dados, agrupando as respostas por temas relevantes.

Foram realizadas a exploração e interpretação dos dados de acordo com a revisão bibliográfica previamente realizada, buscando compreender os significados atribuídos pelas entrevistadas à decisão de não ser mãe. Também foram utilizadas citações das entrevistadas para ilustrar as conclusões de acordo com os relatos dos resultados.

## **2.6. Ressalvas éticas**

A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP por meio do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 77010724.7.0000.5512.

Foi certificado de tratar os participantes com respeito e consideração durante todas as etapas da pesquisa, mantendo a confidencialidade das informações coletadas e a garantia que a privacidade das participantes será protegida. Também será de extrema importância a sensibilidade às necessidades e emoções das participantes, fornecendo um ambiente seguro e respeitoso durante a coleta de dados. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo I) terá de ser claro e acessível, explicando de forma compreensível o propósito da pesquisa, os procedimentos envolvidos, os riscos e benefícios, a confidencialidade dos dados e o direito de desistir a qualquer momento e certificado que as participantes entendam completamente as informações apresentadas no TCLE e estejam dispostas a participar voluntariamente.

Também foi feita a descrição detalhada dos benefícios potenciais da pesquisa, como contribuição para o entendimento dos significados atribuídos às mulheres que não são mães.

## **2.7. Cronologia**

TABELA 1- Cronologia de execução do projeto de pesquisa

<b>Identificação</b>	<b>Início</b>	<b>Término</b>
Elaboração do Projeto de Pesquisa	21/02/2023	22/09/2023



Submissão do Projeto de Pesquisa ao CEP	26/09/2023	30/11/2023
Coleta de dados	29/04/2024	30/06/2024
Análise de dados	15/05/2024	31/07/2024
Elaboração do Relatório Final de Pesquisa	15/06/2024	31/08/2024
Apresentação da pesquisa em Banca	01/09/2024	30/11/2024

### 3. Resultados

Caracterização das participantes:

Idade	Estado Civil	Escolaridade	Etnia
36	Solteira	Pós- Graduação	Branca
36	Solteira	Superior Completo	Branca
32	Solteira	Superior Completo	Parda
32	Solteira	Pós- Graduação	Branca
32	Solteira	Superior Completo	Branca
43	Casada	Pós- Graduação	Branca
31	Solteira	Pós- Graduação	Parda
31	Solteira	Superior Completo	Branca
38	Solteira	Superior Completo	Branca
41	Solteira	Pós- Graduação	Branca

As entrevistas realizadas revelaram uma diversidade de razões que motivaram as entrevistadas a não desejarem ter filhos, refletindo preocupações pessoais, sociais e psicológicas.

Um dos aspectos mais recorrentes nas respostas foi o desejo de liberdade e a priorização de projetos pessoais. Por exemplo, a Entrevistada 1 destacou: *“Gosto de aproveitar minha liberdade e de dedicar tempo ao trabalho e projetos pessoais.”* Essa afirmação demonstrou que a autonomia e a busca por realizações individuais são fatores importantes no momento da decisão de não ter filhos.

Além disso, a responsabilidade e o comprometimento exigidos na criação de uma criança foram mencionados por algumas das participantes. A Entrevistada 2 expressou essa preocupação ao afirmar que: *“A responsabilidade de criar uma criança, ainda mais hoje em dia, é enorme e acredito que para que essa tarefa seja feita com qualidade a mulher tem que querer muito.”* Essa visão ressaltou a necessidade de um desejo genuíno e de preparação emocional para a maternidade.

A busca por realização pessoal é um tema comum, conforme indicado na

Entrevista 8: *“Minha principal motivação é a busca pela liberdade e pela realização pessoal.”* Essa ideia foi reforçada pela Entrevista 9, que foi mencionado: *“Sinto que ter filhos demandaria um nível de comprometimento que, no momento, não estou disposta a assumir.”* Essas respostas refletiram um desejo de focar em projetos pessoais e de carreira, ao invés das responsabilidades atribuídas a ser mãe.

Várias mulheres nas entrevistas indicaram que a pressão social e familiar é uma realidade significativa para muitos, especialmente em ambientes familiares. Por exemplo, a Entrevistada 1 mencionou: *“Sim, já enfrentei essa situação algumas vezes, principalmente em reuniões familiares onde a expectativa de seguir os passos deles são esperados.”* Isso demonstrou que a expectativa de familiares pode resultar em uma pressão sobre as participantes.

Enquanto algumas entrevistadas relataram experiências de pressão social e familiar, outras não sentem essa influência de maneira tão intensa. Na Entrevista 2 foi afirmado: *“Nunca sofri nenhuma pressão. No início haviam muitas perguntas do porquê, porém nunca nenhum tipo de pressão.”* Essa divergência sugeriu que a percepção da pressão social é altamente subjetiva e depende do contexto individual.

A Entrevista 5 destacou a dificuldade enfrentada em relacionamentos quando as expectativas sobre ter filhos não são alinhadas: *“Sim, já tive relacionamento onde a pessoa insistia que queria ter filhos... sempre tentava responder falando dos meus motivos.”* Essa situação revelou como a pressão pode se intensificar em dinâmicas de relacionamento, criando conflitos internos.

Por outro lado, a pressão pode gerar desconforto e frustração, como expressado na Entrevista 7: *“Sim, sofro constantemente pressão social e familiar... sinto às vezes, que as pessoas querem definir o meu futuro.”* Esse sentimento de não ter suas escolhas respeitadas foi um tema recorrente entre as entrevistadas.

Algumas entrevistadas tentaram explicar suas escolhas para aliviar a pressão, como na Entrevista 9: *“Eu lido com isso tentando explicar meus motivos e mostrando que minha vida é boa.”* Essa busca por diálogo e compreensão foi um aspecto importante que as entrevistadas utilizaram para lidar com a pressão externa e visões divergentes.

A percepção social em relação às mulheres que não desejam ter filhos ainda é marcada por um viés conservador. A Entrevistada 1 afirmou: *“Acredito que varia muito. Ainda há uma visão conservadora, muitas vezes associando os valores tradicionais de família.”* Isso indicou que, apesar de alguns avanços, a ideia de que a maternidade

é um papel indispensável para as mulheres persiste.

A percepção negativa da sociedade foi evidente, como indicado em algumas das entrevistas e na Entrevista 7: "*A sociedade tem uma percepção extremamente negativa das mulheres que optam por não serem mães, atribui-se um significado pejorativo e essas mulheres são tratadas com menosprezo.*" Essa afirmação revelou como as mulheres que não seguem o padrão tradicional imposto pela sociedade, que seria a maternidade, enfrentam estigmas. Isso demonstrou que, apesar de alguma evolução da sociedade na aceitação da escolha de não ser mãe, as mulheres que optam pela não maternidade ainda enfrentam preconceitos, estigmas e uma pressão social significativa que muitas vezes resulta em incompreensão e julgamento.

A pressão social para que as mulheres exerçam o papel de mãe foi enfatizada na Entrevista 6: "*A mulher é vista como alguém que tem a obrigação de seguir o plano social pré-traçado por uma sociedade machista.*" Essa imposição de papéis é uma barreira significativa para a aceitação das escolhas individuais dessas mulheres.

A Entrevista 10 destacou a rotulação e estigmatização que acompanha a escolha de não ter filhos: "*Acho que a sociedade tem uma visão de que mulheres que optam em não serem mães são egoístas.*" Essa rotulação não apenas diminui as mulheres, mas também reforça a ideia de que a maternidade é uma expectativa social inquestionável.

As entrevistas revelaram uma percepção majoritariamente negativa da sociedade em relação às mulheres não ser mães, evidenciando visões conservadoras e a falta de compreensão sobre a autonomia feminina. As entrevistadas apontaram que, embora haja uma crescente aceitação, ainda persiste um forte preconceito associado a essa escolha.

A Entrevista 1 mostrou que as percepções variam, indicando que existe uma "*visão conservadora, muitas vezes associando os valores tradicionais de família e papel da mulher*", ao mesmo tempo em que há uma "*compreensão crescente*" sobre a escolha de não ter filhos. Essa dualidade também foi discutida na Entrevista 2, que mencionou que "*hoje ainda tem um certo preconceito em relação a este tema, porém já é muito mais aceito e comum*". Assim, embora a aceitação esteja em crescimento, a resistência ainda é significativa.

A incompreensão das escolhas dessas mulheres foi um ponto recorrente nas entrevistas. A Entrevista 3 destacou que existe um "*olhar de incompreensão*", sugerindo que essas mulheres são vistas como alguém que "*estão abrindo mão de*

*uma experiência fundamental da vida*", levando a percepções de egoísmo. Essa ideia foi reforçada na Entrevista 4, que repetiu a mesma fala, e na Entrevista 6, onde se afirma que *"a sociedade percebe as mulheres que não têm filhos como pessoas egoístas, que não querem se doar"*. Essa visão foi ainda mais acentuada na Entrevista 7, que descreve as mulheres que não optam pela maternidade como alvo de *"um significado pejorativo"* e que sofrem *"exclusão social"*.

O estigma associado à decisão de não ter filhos também foi evidente nas respostas. A Entrevista 8 mencionou que a sociedade frequentemente vê as mulheres sem filhos de maneira crítica, afirmando que *"muitas vezes, as pessoas assumem que uma mulher deve ser mãe para ser completa ou realizada"*. Da mesma forma, a Entrevista 9 reforçou que *"a maternidade é vista como uma parte essencial da vida da mulher"*, o que resulta em julgamentos para aquelas que escolhem não ter filhos. A Entrevista 10 sintetizou essa percepção ao afirmar que a sociedade vê mulheres que optam por não ser mães como *"egoístas"* e *"esquisitas"*, reforçando a ideia de que existe uma expectativa de que todas as mulheres devem desejar a maternidade.

Embora a maioria das participantes se sentisse em paz com sua escolha de não ter filhos, haviam nuances emocionais que variavam de acordo com a experiência individual, incluindo a presença de angústia e a necessidade de lidar com as expectativas sociais, contrastando com um forte sentimento de liberdade e empoderamento para algumas delas.

A Entrevistada 1 destacou que não percebeu *"nenhum impacto negativo"* e se sentiu tranquila e em paz com sua escolha, descrevendo sua vida como *"tranquila, com amigos próximos e um trabalho que ama"*. Essa percepção de bem-estar também foi confirmada pela Entrevistada 5, que também afirmou que sua decisão foi *"como uma escolha natural"*, resultando em uma visão otimista sobre seu futuro.

Entretanto, a Entrevistada 2 mencionou que, apesar de a escolha ser impactante, a ansiedade que sentia por medo de arrependimento era *"superficial"* e *"desaparecia rapidamente"*. Em contraste, a Entrevistada 3 abordou um aspecto mais complexo, relatando que sua escolha de não ter filhos estava relacionada à ausência de um parceiro, o que gerava uma angústia crescente com o passar do tempo, devido à consciência de que havia um *"prazo para tomar essa decisão"*.

Por outro lado, as Entrevistas 8 e 9 refletiram sobre a liberdade e o empoderamento que a escolha de não ter filhos lhes proporcionou. A Entrevistada 8 afirmou que essa decisão permitiu explorar *"outras áreas da vida"*, como viajar e

investir na educação, enquanto a Entrevistada 9 expressou uma sensação de "*liberdade*" e a capacidade de priorizar suas próprias necessidades, sentindo-se empoderada por tomar decisões fora do "*roteiro tradicional*".

Sobre as experiências das participantes em relação à discriminação ou experiências negativas relacionadas à escolha de não serem mães, a maioria das entrevistadas relatou não ter vivenciado experiências diretas de discriminação, porém algumas mencionaram olhares e comentários velados de pessoas do seu convívio. A Entrevistada 1 afirmou que, apesar de perceber "*olhares ou comentários velados*", nada a afetou profundamente, destacando que as pessoas geralmente respeitavam suas escolhas. Por outro lado, as Entrevistadas 2, 3 e 10 negaram ter enfrentado qualquer tipo de experiência negativa.

Entretanto, algumas participantes relataram situações desconfortáveis. A Entrevistada 5 compartilhou uma experiência em que, ao mencionar sobre sua cirurgia de laqueadura, foi chamada de "*louca*" por não ter filhos. A Entrevistada 6 também relatou olhares de reprovação e perguntas insistentes sobre sua decisão de não ter filhos, enfatizando a dificuldade que algumas pessoas têm em aceitar essa escolha. Ela descreveu que, frequentemente, a resposta padrão à sua decisão era a sugestão de que ainda havia tempo para mudar de ideia, reforçando a pressão social existente.

Experiências mais negativas foram relatadas pela Entrevista 7, que mencionou ter sofrido discriminação associada a sua escolha, com insinuações de que sua decisão estaria ligada a uma "*preferência no modo de viver orientado à promiscuidade*". Essa entrevistada também destacou que sua escolha foi interpretada de maneira negativa em contextos religiosos, quase como uma desobediência a preceitos bíblicos. A Entrevista 8, por sua vez, relatou um comentário desmerecedor durante um evento de trabalho, onde foi sugerido que deveria priorizar a maternidade em vez da carreira, um momento que inicialmente a incomodou, mas que, com o tempo, a levou a refletir sobre a validade de suas escolhas.

A Entrevistada 9 mencionou comentários desrespeitosos, como "*você vai se arrepender*", que, embora desconfortáveis, foram vistos como oportunidades para estabelecer diálogo sobre as diversas escolhas que as mulheres podem fazer.

A maioria das entrevistadas não considerou a maternidade como um impedimento para alcançar realizações. A Entrevista 1 afirmou que "*é possível encontrar um equilíbrio entre a maternidade e as realizações pessoais e profissionais*", apesar da entrevistada buscar estabilidade no momento e não planejar ter filhos. De

forma semelhante, a Entrevistada 2 reconheceu que, embora não acreditasse que a maternidade impedisse conquistas, ela poderia criar *"obstáculos e dificuldades maiores que muitas mulheres acabam não sabendo lidar"*.

A Entrevista 3 também trouxe uma perspectiva otimista, mencionando que, mesmo ciente das *"cobranças, frustrações e sobrecarga"* que um filho pode trazer, não via a maternidade como um impeditivo para realizações. A Entrevista 4 complementou essa visão, afirmando que as conquistas poderiam ocorrer em um *"ritmo diferente"*, mas não seriam inatingíveis.

Por outro lado, algumas participantes apresentaram visões diferentes. A Entrevistada 5 expressou que a maternidade poderia limitar sua liberdade de viajar e fazer planos espontâneos, afirmando que *"com uma criança ou bebê você não pode simplesmente deixar na casa de qualquer um e seguir seus planos"*. A Entrevistada 6, embora não considerasse a maternidade como um obstáculo para suas realizações, reconheceu que *"outras pessoas com menos rede de apoio e meios financeiros possam ser impedidas de alcançar realizações profissionais"*.

Contraopondo essas visões, a Entrevista 7 acreditava que a ausência de filhos poderia impulsionar suas realizações, pois *"consigo ter mais tempo, mais energia e menos gastos"*. Em contraste, a Entrevista 8 destacou que ter um filho exigiria uma reavaliação de prioridades e de tempo, o que poderia significar menos dedicação à carreira e projetos pessoais. A Entrevistada 9 afirmou que *"ter um filho mudaria totalmente o funcionamento da minha vida"* e que isso tornaria mais difícil alcançar suas metas profissionais. Por fim, a Entrevista 10 concordou que a maternidade impactaria o crescimento pessoal e profissional, uma vez que *"uma criança demanda muito tempo e atenção"*.

#### **4. Discussão**

O tema da maternidade é amplamente discutido em psicologia e psicanálise. A maternidade é frequentemente considerada uma das experiências mais importantes na vida de uma mulher. No entanto, também é essencial ouvir as mulheres que não têm filhos ou aquelas que não puderam ter essa experiência por razões biológicas ou sociais (ROCHA, 2019).

No decurso das entrevistas analisadas, pôde-se notar uma dicotomia na percepção social das mulheres não mães. Uma das entrevistadas afirmou que,

embora o ambiente conservador da sociedade traga consigo a ideia emoldurada de que associar a maternidade às ideias tradicionais do homem e da mulher, agora a sociedade aceita de forma mais aberta que as mulheres são livres para não dar à luz. Este avanço sugere que a sociedade debate-se com a ideia de que a maternidade é a única forma da mulher se realizar e o seu direito de escolha.

A maternidade é uma questão complexa, envolvendo questões emocionais, culturais, sociais e políticas. De acordo com Bauman (2003, pág. 99), a maternidade tornou-se uma condição mais fluida e menos previsível, de tal forma que "não representa mais uma condição natural, mas, ao contrário, uma escolha - uma escolha arriscada e incerta". Para além disso, a pressão social em torno da maternidade é perceptível na fala de algumas das entrevistadas, que relataram a resistência de gerações mais antigas em reconhecer que a realização feminina pode não necessariamente passar pela maternidade. O relato de uma entrevistada, no que diz respeito à forma em que lida com a pressão da parte da família, mostra uma necessidade de diálogo e compreensão e ilustra que a ideia de que a maternidade corresponde a um destino inevitável ainda prevalece em alguns círculos.

Sob a perspectiva histórico-social, a maternidade é reconhecida como uma construção social e cultural, e não uma escolha absoluta das mulheres (BECCARI, 2016). Beauvoir (1949, p. 15) alerta para o fato de que a maternidade pode ser uma construção enganosa que aprisiona as mulheres, perpetuando a ideia de que a realização feminina está intrinsecamente ligada à reprodução.

Além disso, a pressão social para que as mulheres assumam o papel de mães foi ressaltada em algumas das entrevistas, foi destacado e observado em uma das entrevistas que *"a mulher é vista como alguém que tem a obrigação de seguir o plano social pré-traçado por uma sociedade machista"*. Essa imposição representa uma dificuldade significativa para a aceitação das escolhas individuais de cada uma.

Ainda que a decisão de não ser mãe represente uma posição subjetiva, ela também é influenciada por fatores sociais e políticos. Declarações de autonomia em relação à maternidade podem desafiar as pressões sociais e a normatização do modelo tradicional da família (HUNTINGTON, 2021). De outro lado, algumas respostas dadas pelas participantes colocam à mostra as posições divergentes em relação à maternidade e satisfação pessoal. Enquanto algumas participantes defenderam que a maternidade poderia reduzir a liberdade e planos, as demais também consideraram que não ter filhos poderia possibilitá-las ter mais tempo e

recursos para suas carreiras e projetos pessoais.

Essas narrativas contrastantes demonstram que a maternidade e a não maternidade são experiências multifacetadas, influenciadas por contextos individuais e sociais. Assim, a discussão sobre a maternidade deve ser ampliada para incluir a diversidade de escolhas e experiências das mulheres, reconhecendo que a realização pessoal pode assumir diversas formas, independentemente de serem ou não mães.

## **5. Considerações Finais**

As entrevistas realizadas ao longo deste estudo trouxeram à tona a complexidade dos significados atribuídos à maternidade por mulheres que optaram por não ter filhos, além dos fatores psicossociais envolvidos nessas decisões. De acordo com o objetivo geral do trabalho, foi possível observar que a escolha de não ser mãe é influenciada por uma diversidade de razões, desde o desejo de liberdade pessoal e realização profissional até a percepção do elevado grau de responsabilidade emocional e financeira associado à criação de filhos.

No que diz respeito aos significados atribuídos à maternidade, muitas entrevistadas revelaram que, para elas, a maternidade está frequentemente associada a uma limitação de liberdade e autonomia, como mencionado por aquelas que desejam priorizar projetos pessoais e de carreira. Essa visão ressalta que a ausência de filhos possibilita a exploração de outras áreas da vida, permitindo maior foco em realizações individuais.

O estudo também permitiu compreender os impactos psicológicos e sociais vivenciados por essas mulheres, evidenciando a pressão social e familiar que muitas enfrentam. Embora algumas relatem não sentir essa pressão de forma tão intensa, outras descreveram situações de desconforto e até discriminação, reforçando o estigma social em torno da escolha de não ser mãe. Esse estigma reflete as expectativas conservadoras ainda predominantes na sociedade, que muitas vezes associa a realização feminina à maternidade.

Conclui-se, portanto, que a escolha de não ser mãe é multifacetada e envolve tanto aspectos pessoais quanto sociais. Embora haja um crescente reconhecimento da autonomia feminina nessa decisão, ainda persiste uma forte pressão social que afeta a experiência dessas mulheres. O estudo, portanto, cumpriu seu objetivo de explorar os significados atribuídos à maternidade e os desafios enfrentados por



mulheres que não são mães, contribuindo para uma compreensão mais ampla dos impactos dessa escolha na identidade feminina e na busca por realização pessoal e profissional.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BECCARI, M. L.; TREVISAN, A. C. Autonomia e não maternidade feminina: um estudo sobre o direito à escolha. **Revista Psicologia Política**, v. 20, n. 45, p. 1-17, 2020.

BECCARI, C. **A construção social da maternidade: Um olhar histórico e cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

DAMASCENO, A. J.; TRAJANO, L. A.; ELIAS, A. V. "Eu escolhi não ter filhos e sou feliz assim": análise das narrativas de mulheres sem filhos. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 33, n. 3, p. e183237, 2021.

FRANZONI, A. C.; COSTA, A. L. R. da. Mulher sem filho: escolha ou destino? **Revista População e Sociedade**, n. 28, p. 1-16, 2020.

HUNTINGTON, A. **Choosing not to mother**: recognizing and valuing the non-maternal lives of women. London: Routledge, 2021.

ROCHA, A. L. M. O papel do psicólogo na abordagem da psicanálise sobre não maternidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 25(3), 346-353, 2019.

ZANIN, C. L.; TREVISAN, M. A escolha da não maternidade: Uma ruptura com o tradicional formato familiar. **Revista de Estudos de Gênero**, v. 12, n. 1, p. 1-15, 2020.

## 7. APÊNDICES

### APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Identificação:

Idade:

Estado Civil:

Escolaridade:

Raça/etnia:

P1. Você tem filhos?

P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?

P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?

P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?

P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?

P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?

P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?

P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?

P9- Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?

### APÊNDICE B – Entrevista 1

Identificação: E1

Idade: 36 anos

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Pós graduação completa

Raça/etnia: Branca

#### **P1. Você tem filhos?**

R: Não.

#### **P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: Minha motivação principal é que não tenho um relacionamento sério atualmente. E também, gosto de aproveitar minha liberdade e de dedicar tempo ao trabalho e projetos pessoais.

#### **P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Sim, já enfrentei essa situação algumas vezes, principalmente em reuniões familiares onde a expectativa de seguir os passos deles são esperados. Embora seja desagradável, consegui lidar bem com a situação porque este é um assunto resolvido em minha vida. A pressão recebida não afeta minha escolha, o que realmente influencia é minha situação de relacionamento. Se eu estiver em um relacionamento saudável e estável, minha decisão de não ter filhos poderá mudar.

#### **P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: Acredito que varia muito. Ainda há uma visão conservadora, muitas vezes associando os valores tradicionais de família e papel da mulher, mas por outro lado percebo que há também uma compreensão crescente da escolha da mulher em não ter filhos. A sociedade está se tornando mais receptiva à ideia de que a maternidade não é a única forma de realização, e que as mulheres têm o direito de escolher seu próprio caminho, inclusive quando se trata de ter filhos. Vejo muitas mulheres bem sucedidas e felizes que optaram por não ter filhos, e isso tem ajudado a mudar a percepção social-democrata a minha também.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Até agora, não percebi nenhum impacto negativo. Na verdade, me sinto tranquila e em paz com minha escolha. Tenho uma vida tranquila, com amigos próximos, um trabalho que amo, e consigo fazer o que eu realmente gosto.

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Sim, há algumas pessoas, especialmente de gerações mais antigas, que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães. Minha mãe e minha avó sempre discutem o fato de eu não colocar o desejo de ter filhos em primeiro lugar. Lido com isso com paciência e muita conversa, para entenderem e explicar minhas razões de forma calma e que não se sintam ofendidas.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: De forma nenhuma. Sinto-me completamente feminina e realizada. Acredito que a identidade feminina não está vinculada à maternidade, mas sim à forma como nos expressamos e vivemos nossa vida.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Não diretamente. Às vezes, percebo olhares ou comentários velados, mas nada que tenha me afetado profundamente. Geralmente, as pessoas são respeitadas quando explico minha escolha e minhas razões.

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Não necessariamente. Acredito que é possível encontrar um equilíbrio entre a maternidade e as realizações pessoais e profissionais. Apesar que, no momento procura estabilidade e não teria filhos no momento. Porém conheço muitas mulheres que são mães e altamente realizadas em suas carreiras.

## **APÊNDICE C – Entrevista 2**

Identificação: E2

Idade: 36

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Superior completo

Raça/etnia: branca

**P1. Você tem filhos?**

R: Não

**P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: A responsabilidade de criar uma criança, ainda mais hoje em dia, é enorme e acredito que para que essa tarefa seja feita com qualidade a mulher tem que querer muito, tem que ter o sonho de ser mãe, ter o dom e saber de tudo que mudará na vida e de todas as possibilidades de dificuldades maiores que podem vir.

**P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Nunca sofri nenhuma pressão. No início haviam muitas perguntas do porquê, porém nunca nenhum tipo de pressão.

**P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: Acho que hoje ainda tem um certo preconceito em relação a este tema, porém já é muito mais aceito e comum.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Por ser uma escolha bastante impactante na vida de uma mulher, as vezes há um pouco de ansiedade por medo de um arrependimento futuro, mas uma ansiedade superficial que aparece raramente e logo desaparece.

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Há, porém pouquíssimas pessoas e, normalmente, quando percebo este tipo de discurso, prefiro não falar no tema ou apenas ouvir e aceitar a opinião de cada um.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Nunca afetou, nunca tive vivências e experiências que me fizessem sentir dessa forma.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

Nunca tive esse tipo de experiência

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Não acho que impeça. Conheço muitas mulheres super realizadas profissional e pessoalmente, porém cria obstáculos e dificuldades maiores que muitas mulheres acabam não sabendo lidar.

## APÊNDICE D – Entrevista 3

Identificação: E3

Idade: 32

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Superior completo

Raça/etnia: parda

**P1. Você tem filhos?**

R: Não

**P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: Atualmente não estou em um relacionamento sério e, por isso, não me sinto pronta para ter filhos. Acredito que é importante ter uma parceria estável para um dia

conseguir pensar em ter filhos.

**P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Nunca lidei, acho que as pessoas não esperam isso de uma pessoa solteira. Sempre vi cobranças com pessoas dentro de relacionamentos.

**P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: Acredito que a sociedade muitas vezes não compreende a escolha de mulheres que escolhem em não serem mães. Existe um olhar de incompreensão, como se essas mulheres estivessem abrindo mão de uma experiência fundamental da vida, que dizem ser único e incondicional, sendo vistas, por vezes, como egoístas. Então eu vejo que por muitas vezes é importante entender que cada mulher tem suas próprias vontades e prioridades.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: No meu caso não é uma escolha relacionada propriamente aos filhos, é uma opção em não tê-los sozinha sem um parceiro. Ainda acredito que isso pode acontecer, mesmo que via adoção, mas é algo que me traz uma angustia conforme o tempo vai passando, porque sei que existe um prazo para tomar essa decisão.

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Conheço pessoas que tem essa opinião, mas não são pessoas íntimas, por isso não é algo que me afeta ou que eu precise lidar. Entendo que essa é uma opinião pessoal, e não dou abertura, é tipo conversar sobre política e não leva a lugar algum.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Um pouco, às vezes parece que não sou tão madura ou tão mulher por não ter filhos, já que sempre rolam falas, como “ Ah, você vai ver quando ter filhos” ou quando dizem qualquer coisa que relacione ser mãe.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Não

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Não. Obviamente eu sei do impacto de um filho na vida da mulher, sei da cobrança, das frustrações e da sobrecarga, mas ainda assim não vejo filhos como impeditivos de nenhuma realização.

## APÊNDICE E – Entrevista 4

Identificação: E4

Idade: 32

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Pós-graduação

Raça/etnia: Branca

**P1. Você tem filhos?**

R: Não

**P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: Não tive um relacionamento estável suficiente para isso

**P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Já, mas de forma leve. Quando eu era mais nova, ficava chateada, mas agora com a idade, simplesmente ignoro.

**P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: Existe um olhar de muito preconceito, como se ter filhos fosse uma obrigação e algo definido na vida das mulheres.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Acho que a sociedade tem dificuldade até de processar um cenário em que uma mulher opta por não ter filhos. Geralmente, vejo várias reações, acham a mulher fracassada se ela não teve filhos porque não se casou, acham digna de pena se não pode ter filhos ou acham egoísta se ela simplesmente não quer ter filhos.

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Sim, tenho, quase todas as mulheres mais velhas da minha família têm esse pensamento. No meu caso, acho que é mais fácil lidar porque as pessoas sabem que eu tenho planos de ser mãe, é apenas uma questão de não ter dado sorte em relacionamentos até agora.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Não acho que seja caso de afetar minha identidade feminina, mas lido com sentimentos de frustração de não ser uma mulher boa o suficiente para encontrar um homem com quem eu poderia ter filhos.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Não tenho experiências desse tipo, mas ressalto que eu sou bem vocal sobre a minha vontade de ser mãe, então é diferente de uma mulher que optou por não ter filhos.

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Não acredito. Penso que as coisas talvez aconteçam em uma velocidade diferente quando temos um filho para considerar, mas não vejo como impeditivo.

## APÊNDICE F – Entrevista 5

Identificação: E5

Idade: 32 anos

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Superior completo

Raça/etnia: Branca

**P1. Você tem filhos?**

R: Não

**P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: Não quero educar uma pessoa, gosto de ter a liberdade de viajar ou fazer outras coisas sem precisar de muito planejamento e gosto muito de ficar sozinha em casa.

**P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Sim, já tive um relacionamento onde a pessoa insistia que queria ter filhos e quando conversava com outras pessoas sobre eu não querer ter filhos elas falavam coisas do tipo "você é louca, mas você vai ter querendo ou não" entre outras coisas, eu sempre tentava responder falando dos meus motivos achando que as pessoas poderiam entender, porém sempre ficavam me enchendo de perguntas e rebatendo cada coisa que eu falasse como se tivessem que me provar que eu estava errada ou cometendo uma grande loucura.

**P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: Eu acho que ainda tem muito preconceito, como se todas as mulheres tivessem que ser mães, não existe essa cobrança com homens, eu acho que esse preconceito não acontece apenas pela mulher não querer ter filho, uma mulher não pode querer ser bem sucedida no trabalho principalmente se ganhar mais que o parceiro, não pode querer ser livre para viajar ou sair com seus amigos, parece que ainda querem que o papel da mulher seja principalmente a dona de casa que é cuidada pelo marido.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Nenhum, para mim foi como uma escolha natural, apenas me sinto tranquila em imaginar que minha vida vai continuar como sonhei.

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Sim, já convivi com pessoas assim, por um tempo tentei as convencer do meu ponto de vista, hoje em dia eu costumo responder que isso é sobre a minha vida e elas não tem o direito de opinar.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Não, de forma alguma, pois eu acredito que ser mulher é nascer ou se sentir uma mulher e isso não se limita apenas ao fato de ter um útero e gerar um filho, uma mulher pode ser muitas coisas além de mãe e cada mulher expressa a sua feminilidade de sua forma, a minha é cuidando de meu corpo, mente e realizando meus sonhos.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Quando falo que não quero ser mãe, principalmente agora que fiz a cirurgia laqueadura. Teve um caso em que comentei que iria fazer a cirurgia e a pessoa me chamou de louca pois ainda não tinha filhos, respondi que esse era o objetivo e a pessoa percebeu que tinha sido inconveniente e não prosseguiu com a conversa.

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: No meu caso sim, pois eu gosto muito de viajar as vezes sem planejamento, vou para uma praia, trilha, fora do país e faço o que me vem na cabeça, já com uma criança ou bebe você não pode simplesmente deixar na casa de qualquer um e

seguir seus planos. Profissionalmente também me atrapalharia pois no momento que estou na minha carreira eu preciso continuar estudando tecnologias novas mesmo já sendo formada, também acabo fazendo muitas horas extras para apoiar em resoluções de problemas e com isso sou bem vista no trabalho, quando penso em ter que fazer tudo isso com um bebe eu acho que ficaria muito difícil ainda mais que nem sempre o pai acaba pegando as mesmas responsabilidades da mãe, mas o principal motivo que iria me impedir de alcançar algo seria pelo fato que iria me sentir infeliz na vida de mãe, seria como uma obrigação para mim e não algo que eu desejei.

## **APÊNDICE G – Entrevista 6**

Identificação: E6

Idade: 43 anos

Estado Civil: Casada

Escolaridade: Pós-Graduação

Raça/etnia: Branca

### **P1. Você tem filhos?**

R: Não

### **P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: Nunca tive vontade de ter filhos. Minha motivação é poder prosseguir com a minha vida com liberdade.

### **P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Já enfrentei alguma pressão social para ter filhos, mas bem amena. Meus pais sempre falaram para eu pensar bem, que iria me arrepender depois, mas nada agressivo nem insistente. Eu me incomodei apenas um pouco, não gosto que me digam o que fazer, mas não me abalou nem um pouco, pois não foi recorrente. Inúmeras pessoas muito menos íntimas seguem até hoje questionando os motivos e falando que ainda dá tempo, mas estou tão segura do que decidi que apenas dou risada, apesar de achar que as pessoas deveriam conhecer melhor os limites do que elas podem ou não opinar, especialmente sendo quase estranhos à pessoa.

### **P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: A sociedade percebe as mulheres que não tem filhos como pessoas egoístas, que não querem se doar. A mulher é vista como alguém que tem a obrigação de seguir o plano social pré-traçado por uma sociedade machista, onde ela deve apenas obedecer e ser uma boa menina. Portanto, quem sai do perfil é visto, pelos retrógrados, como alguém ruim. Mas hoje vejo que há um número grande de pessoas fazendo estas escolhas e outras que, mesmo tendo filhos, acolhem quem fez a escolha, e tenho a sorte de conviver neste meio.

### **P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Não tenho impactos emocionais decorrentes da escolha de não ter tido filhos. Sinto alívio por não ter tido. Vejo meus amigos com seus filhos, gosto muito deles, mas confirmo que não era um papel para mim.



**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Eu não tenho pessoas no meu convívio que acham que todas as mulheres deveriam ser mães, ou se tenho, elas não falam isso para mim. Como disse, meus pais falavam para eu pensar melhor, mas hoje em dia não falam mais, hoje nem é mais assunto.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Não ter filhos não afetou minha identidade feminina em nenhuma forma. Continuo a mesma de sempre.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Já senti olhares de reprovação que sempre vêm acompanhados da pergunta: “mas você não tem filhos porque não pode ou não quis?”, e quando eu respondo que não quis, a resposta é, sempre a mesma, “ainda dá tempo, mesmo com 43 anos, pois uma prima, vizinha, etc teve”. A última experiência dessas tive com minha professora de Pilates, durante a aula, ela tem em torno de 32 anos e me fez vários questionamentos. Isso mostra que algumas pessoas se recusam a aceitar a decisão de não ter filhos, e “bondosamente” querem oferecer a você uma saída disso.

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Eu não acho que ter filhos poderia ter me impedido de alcançar realizações profissionais ou pessoais. Eu tenho meios para conseguir equilibrar o trabalho com a maternidade como rede de apoio, condições financeiras de contratar ajuda. Acho que outras pessoas com menos rede de apoio e meios financeiros possam ser impedidas de alcançar realizações profissionais com a maternidade. Contudo, realizações pessoais acho que não.

## APÊNDICE H – Entrevista 7

Entrevista Identificação: E7

Idade: 31 anos

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Pós-Graduação

Raça/ etnia: Parda

**P1. Você tem filhos?**

R: Não.

**P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: A principal motivação de não ter filhos para mim se dá pelo fato de ter tido uma infância muito conturbada, nascida em um ambiente familiar onde presenciei muitas brigas, violências verbais, oriunda de família com baixo potencial financeiro fizeram que tais experiências desencadeassem em mim desde criança muitas emoções negativas, ansiedade, medo, estresse, infelicidade e por muitas vezes questioneei o motivo de ter nascido e não entendia porque eu passava por tais situações. Tais experiências, tais emoções negativas intensas que vivi e senti contribuíram para a

minha tomada de decisão de não ter filhos a fim de não "reproduzir" o mesmo "sofrimento" que tive nos meus filhos.

Tais experiências também afetaram a minha percepção acerca do significado de construir uma família "tradicional" a fim de evitar passar pelas mesmas experiências optei por abster-me de tais experiências, de certa forma como um mecanismo de defesa.

Outro fator que impactou nessa decisão foi pelo fato de ter que me desenvolver economicamente. Precisei abrir mão da maternidade para concentrar esforços financeiros, energéticos e o tempo. Nas esferas acadêmicas e profissionais e pensava que a maternidade poderia me impedir de alcançar os meus objetivos.

**P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Sim, sofro constantemente pressão social e familiar pelo fato da minha escolha de não ter filhos e coloco pra fora que é extremamente desconfortável e frustrante em não ter minhas escolhas aceitas, sinto às vezes, que as pessoas querem definir o meu futuro, decidir por mim. Eu tento lidar de uma forma tranquila, sem ser ríspida com as pessoas, a fim de evitar atritos e um pensamento que exercito quando acontecem essas situações que me ajudam a lidar a situação é imaginar que as pessoas que têm essas abordagens comigo ou querem impor suas vontades sobre mim tratam-se de "configurações mentais" diferentes que a minha, ou seja, pessoas que possuem uma outra programação mental, que valoriza a maternidade, entendem que isso é algo indispensável na vida delas ou das pessoas em geral e está tudo bem delas pensarem assim. Para mim tratam-se de projeções delas em mim, porém isso não afetará ou mudará as minhas escolhas.

**P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: A sociedade tem uma percepção extremamente negativa das mulheres que optam por não serem mães, atribui-se um significado pejorativo e essas mulheres são tratadas com menosprezo, sofrem uma exclusão social.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Como mulher é bem desafiador lidar com essa escolha, pois biologicamente sou programada instintivamente, hormonalmente e psicologicamente a seguir o script padrão da vida que é me tornar mãe, há necessidade de um árduo gerenciamento de emoções da minha parte, pensamentos e exposições a determinadas experiências a fim de auto-regular essa necessidade de ser mãe. Além das questões biológicas também reforço em mim constantemente crenças, e pensamentos de comportamentos a fim de fortalecer meu psicológico e geração de emoções positivas

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Sim, no ambiente familiar, igreja e social tenho pessoas que acreditam que todas as mulheres devem ser mães. Aprendi a abstrair as opiniões dessas pessoas para que não afetem no meu modo de viver as minhas escolhas.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Sim, o fato de eu não ser mãe afeta a minha identidade feminina, pois ainda que inconscientemente me comparo com o padrão de outras mulheres que optam por serem mães e me sinto inferiorizada ou inadequada perante elas. Não me sinto

completa como mulher pelo fato de não ser mãe, apesar de ser bem resolvida com as minhas escolhas.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Sim, já sofri inúmeras experiências negativas e discriminações pelo fato de não ser mãe. Já insinuaram que a razão de não ser mãe está relacionada por uma preferência no modo de viver orientado a promiscuidade e também em uma abordagem religiosa fui interpretada e apontada negativamente como indo na contramão aos preceitos bíblicos de Deus, quase como se fosse uma desobediência perante aos preceitos religiosos, atacando diretamente minha fé e escolhas.

**P9- Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Sim. Eu acredito que o fato de não ter filho ele impulsiona e alavanca a alcançar realizações pessoais e profissionais. Tenho a percepção, talvez distorcida que sem filhos consigo ter mais tempo, mais energia e menos gastos, e que um filho talvez seja uma distração para obtenção de resultados.

## APÊNDICE I – Entrevista 8

Identificação: E8

Idade: 31 anos

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Superior completo

Raça/etnia: Branca

**P1. Você tem filhos?**

R: Não

**P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: Minha principal motivação é a busca pela liberdade e por realizações pessoais. Eu gostaria de focar em minha carreira e em minhas paixões, e acredito que ter filhos exigiria um compromisso que eu não estou disposta a assumir.

**P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Sim, já enfrentei pressões, especialmente da minha família, que sempre sonhou em ter netos. Quando alguém pergunta quando vou ter filhos, eu costumo explicar que essa não é uma prioridade para mim. Às vezes, isso gera debates, mas tento manter a conversa em um tom respeitoso.

**P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: Eu sinto que a sociedade ainda vê as mulheres sem filhos de maneira crítica. Muitas vezes, as pessoas assumem que uma mulher deve ser mãe para ser completa ou realizada. Isso pode levar a estigmas e suposições sobre nossas escolhas de vida.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Eu me sinto muito bem e em paz com minha decisão. Não ter filhos me permite explorar outras áreas da vida, como viajar, investir em minha educação e cultivar

relacionamentos. Sinto que estou vivendo a vida que escolhi e que isso é algo positivo para mim.

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Sim, há algumas pessoas que acreditam nisso. Eu lido com essas expectativas sendo honesta sobre a minha decisão. Costumo dizer que a maternidade é uma decisão pessoal e não deve ser imposta a ninguém. Acredito que cada mulher deve ter a liberdade de decidir o que é melhor para si.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Não, não sinto que minha identidade feminina esteja ligada à maternidade. Eu me identifico como mulher por causa de quem sou, das minhas conquistas e dos meus valores, e não pelo fato de ter ou não filhos. Acredito que ser mulher é uma experiência muito mais ampla.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Sim, já tive algumas experiências negativas. Uma vez, em um evento de trabalho, alguém comentou que eu deveria me preocupar mais em ter filhos do que em minha carreira. Senti que foi uma tentativa de desmerecer minhas escolhas. Na hora, me senti incomodada, mas depois percebi que a opinião dessa pessoa não interferiu em nada na minha vida.

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Sim, eu acredito que ter um filho exigiria uma reavaliação das minhas prioridades e do meu tempo. Para mim, isso poderia significar menos tempo para me dedicar à minha carreira e aos meus projetos pessoais. Portanto, a decisão de não ter filhos está muito alinhada com as minhas metas de vida

## APÊNDICE J – Entrevista 9

Identificação: E9

Idade: 38 anos

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Superior completo

Raça/etnia: Branca

**P1. Você tem filhos?**

R: Não

**P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: Minha maior motivação é uma certa incerteza do futuro e também um desejo de ter um estilo de vida que me permita conhecer o mundo e me dedicar a projetos pessoais e profissionais. Sinto que ter filhos demandaria um nível de comprometimento que no momento não estou disposta a assumir.

**P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Sim, especialmente da minha mãe, que sempre sonhou em ser avó. Eu lido com isso tentando explicar meus motivos e mostrando que minha vida é boa e sou feliz

como as coisas estão. Às vezes, as pessoas simplesmente não entendem, mas eu mantenho minha calma e às vezes explico meus motivos.

**P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: Acredito que a sociedade ainda tem uma visão muito tradicional sobre o papel da mulher, e muitas vezes, a maternidade é vista como uma parte essencial da vida da mulher. Isso pode levar a julgamentos para aquelas que escolhem não ter filhos.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Por incrível e diferente que pareça, eu me sinto bem e de certa forma empoderada por poder tomar decisões sobre a minha vida sem a pressão de ter que seguir um roteiro tradicional. Não ter filhos me dá uma sensação de liberdade e a capacidade de priorizar minhas próprias necessidades.

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Sim, algumas pessoas acreditam que a maternidade é essencial para todas as mulheres. Quando acontece de eu ouvir algumas dessas falas, busco conversar abertamente, explicando que cada escolha de vida deve ser respeitada. Acredito que não devemos impor expectativas nos outros.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Não, eu não sinto que a maternidade afeta a minha feminilidade. Para mim, ser mulher é sobre o que realmente sou e faço a mim mesma, e isso não está condicionado a ter filhos. Eu me vejo como uma mulher completa, independentemente dessa escolha.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Sim, já ouvi comentários super desrespeitosos, como "você vai se arrepender" ou "você vai mudar de ideia". Isso pode ser desconcertante, mas, em vez de me deixar abalar, eu vejo isso como uma oportunidade para dialogar sobre a diversidade de escolhas que as mulheres podem fazer, e que ter um filho não é o único caminho a ser seguido pelas mulheres.

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Com certeza, acho que ter um filho mudaria totalmente o funcionamento da minha vida e, possivelmente, tornaria mais difícil alcançar algumas das minhas metas profissionais. Valorizo muito a dedicação que preciso ter em minha carreira e, por isso, prefiro-me não ter filhos neste momento.

## APÊNDICE K – Entrevista 10

Identificação: E10

Idade: 41 anos

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Pós-Graduação

Raça/etnia: Branca

**P1. Você tem filhos?**

R: Não

**P2. Qual é a sua motivação principal para não ter filhos?**

R: Não tenho motivação para ter filhos. Até hoje não senti vontade e não penso em um futuro em que eu esteja com filhos, acredito que por motivos financeiros e de relacionamento amoroso também, sinto que ainda preciso analisar melhor o porque não penso nisso.

**P3. Você já enfrentou algum tipo de pressão social ou familiar por não ter filhos? Como você lidou com isso?**

R: Única pressão que sofri foi da minha médica ginecologista, dizendo que já era para começar a pensar em congelar e dizendo como se fosse uma obrigação que eu teria que ter filhos. Eu fiquei pensativa na questão de idade, mas já que nunca esbocei a vontade de ter filhos, senti algo invasivo vindo de uma médica e também desnecessário, mas depois acabei ignorando.

**P4. Como você acha que a sociedade percebe as mulheres que optam por não ser mães?**

R: Acho que a sociedade tem uma visão de que mulheres que optam em não serem mães são egoístas, que é uma pessoa esquisita, já que diante a sociedade todas as mulheres teriam que ter essa vontade de serem mães.

**P5. Quais são os impactos emocionais que você percebe em relação à sua escolha de não ter filhos?**

R: Eu não sei, porque ainda não tenho certeza que não vou ter filhos. Mas eu acho que para as mulheres que decidem em não ter, provável que elas tenham uma opinião e emocional bem definidos, então os impactos devem ser mais leves. Porque mulheres que não tem a sua opinião, emocional estável e que não se conhecem, acabam se deixando de lado para entrar no modelo que a sociedade impõe.

**P6. Há pessoas no seu convívio que acreditam que todas as mulheres deveriam ser mães? Se sim, como você lida com as expectativas dessas pessoas?**

R: Não tenho, pelo menos nunca expressaram na minha frente.

**P7. Ser uma mulher sem filhos afetou sua identidade feminina de alguma forma? Se sim, de que forma?**

R: Não, isso nunca afetou a minha forma de ser mulher. Eu acredito que ser mulher e não ter filhos não diminui a feminilidade de ninguém, a não ser por falas da sociedade.

**P8. Você já teve alguma experiência negativa ou percebeu algum tipo de discriminação por não ser mãe? Pode compartilhar algo a esse respeito?**

R: Nunca cheguei a ter uma experiência negativa, ao não ser pelo comentário da minha ginecologista, mas que não considero uma discriminação.

**P9. Você acredita que o fato de ter um filho possa te impedir de alcançar realizações pessoais e profissionais?**

R: Sim, eu acredito que ter filhos influencia muito no crescimento pessoal e profissional, já que uma criança demanda muito tempo e atenção.

## 8. ANEXOS

### ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada Significados atribuídos à mulheres que não são mães que se refere a um projeto de pesquisa do(s) participante(s) Letícia Matheus Capucio, Isabella de Azevedo, Mônica Pereira C. Camargo e Poliana de São José Ribeiro que pertence(m) ao Curso de Psicologia da UNIP – Campus de São José do Rio Preto.

Os objetivos deste estudo se dão pela análise dos significados atribuídos à maternidade por mulheres que não são mães e compreensão dos aspectos psicossociais envolvidos. Os resultados contribuirão para entender a relevância social e psicológica da maternidade na vida das mulheres e como este tema pode afetar diferentes aspectos da vida dessas mulheres que não são mães.

Sua forma de participação consiste na realização de entrevistas semiestruturadas, utilizando um roteiro com questões semiabertas para explorar os significados atribuídos à maternidade e ao fato de não ser mãe, bem como as vivências e experiências pessoais das entrevistadas. A entrevista será gravada para posterior transcrição e análise do conteúdo.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante seu anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada e não haverá gastos decorrentes de sua participação. Se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como: mínimo e esse risco pode ser explicado como algum desconforto ao responder algumas perguntas, emoções decorrentes ao assunto, isso será minimizado com empatia da parte do entrevistador e não obrigatoriedade de resposta, garantindo seu direito de retirar sua participação caso assim o queira. Também será orientada quanto a recursos de acolhimento disponíveis em seu território, como unidades de saúde e assistência social.

São esperados os seguintes benefícios para você, decorrente da sua participação nesta pesquisa: ter espaço de escuta e contribuir cientificamente. Caso tenha interesse você pode pedir o envio por e-mail do resultado da sua participação. Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua

participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado. Caso queira retirar o seu consentimento entre em contato com o pesquisador responsável Amilton José da Silva Júnior, pelo e-mail [amilton.junior@docente.unip.br](mailto:amilton.junior@docente.unip.br) com cópia para o CEP-UNIP pelo e-mail [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br). Os seus dados serão retirados caso seja possível identificá-los no banco de dados.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal. Amilton José da Silva Júnior; Endereço: Av. Pres. Juscelino K. De Oliveira s/n- Jardim Tarraf II, São José do Rio Preto – SP, 15091-450; Telefone: (17) 2137- 5000; E-mail: [amilton.junior@docente.Unip.br](mailto:amilton.junior@docente.Unip.br).

Eu

\_\_\_\_\_ (nome do participante e número de documento de identidade) confirmo Letícia Matheus Capucio, Isabella de Azevedo, Mônica Pereira C. Camargo e Poliana de São José Ribeiro explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu, \_\_\_\_\_  
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)

\_\_\_\_\_  
Amilton José da Silva Júnior (pesquisador responsável)